



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA**

PAULO ROBERTO BARBOSA DA SILVA

**A PRESENÇA DO MITO DO CENTAURO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA
PERSONAGEM GUEDALI NO ROMANCE *O CENTAURO NO JARDIM*, DE
MOACYR SCLiar**

**CAMPINA GRANDE
2023**

PAULO ROBERTO BARBOSA DA SILVA

**A PRESENÇA DO MITO DO CENTAURO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA
PERSONAGEM GUEDALI NO ROMANCE *O CENTAURO NO JARDIM*, DE
MOACYR SCLiar**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação/Departamento
do Curso de Letras (habilitação Língua
Portuguesa) da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Ana Lucia Maria de Sousa Neves

**CAMPINA GRANDE
2023**

S586p Silva, Paulo Roberto Barbosa da.
A presença do mito do centauro na construção identitária da personagem Guedali no romance O centauro no jardim, de Moacyr Scliar [manuscrito] / Paulo Roberto Barbosa da Silva. - 2023.
19 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lucia Maria de Sousa Neves , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "
1. Literatura brasileira. 2. Identidade. 3. Dualidade. I. Título
21. ed. CDD 801.95

PAULO ROBERTO

A PRESENÇA DO MITO DO CENTAURO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA
PERSONAGEM GUEDALI NO ROMANCE *O CENTAURO NO JARDIM*, DE
MOACYR SCLAR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação/Departamento
do Curso de Letras (habilitação Língua
Portuguesa) da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Letras.

Aprovada em 24/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Sousa Neves

Profª. Dra. Ana Lucia Maria de Sousa Neves (UEPB)

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Profª. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (UEPB)

Monalisa Barbosa Santos Colaço

Profª. Dra. Monalisa Barbosa Santos Colaço (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	CARACTERÍSTICAS DA PROSA CONTEMPORÂNEA DE MOACYR SCLiar ...	6
3	A OBRA "O CENTAURO NO JARDIM" DE MOACYR SCLiar	8
4	REJEIÇÃO E IDENTIDADE EM <i>O CENTAURO NO JARDIM</i> A PARTIR DO PARALELO ENTRE QUÍRON E GUEDALI	12
4.1	As Mudanças da identidade de Guedali à luz do arquétipo mitológico do Centauro	13
4.2	As aproximações entre Guedali e o mito de Quíron	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
	REFERÊNCIAS	21

A PRESENÇA DO MITO DO CENTAURO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PERSONAGEM GUEDALI NO ROMANCE *O CENTAURO NO JARDIM*, DE MOACYR SCLiar

Paulo Roberto Barbosa da Silva¹

RESUMO

Este trabalho investiga a relação do referido mito na construção identitária da personagem Guedali no romance *O Centauro no Jardim*, de Moacyr Scliar. Ao examinar a jornada do personagem principal, ao longo de sua infância, marcada por conflitos internos e relações interpessoais, analisamos como a figura do centauro serve como um espelho das dualidades e desafios vivenciados pelo protagonista. Recorremos às contribuições teóricas de Bulfinch (1999), especialista em mitologia e simbolismo. Além disso, as reflexões de Jung (2000) sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos oferecem uma lente através da qual podemos compreender a presença e a importância do mito do centauro na narrativa de Moacyr Scliar. A análise da jornada do protagonista também se beneficia das ideias de Propp (2003), que explorou a jornada do herói e os arquétipos míticos. Para a reflexão sobre identidade recorremos às contribuições de Stuart Hall (2014). Ao longo dessa pesquisa, os resultados obtidos revelaram uma profunda interconexão entre o mito do centauro e a construção identitária da personagem Guedali no romance "O Centauro no Jardim", de Moacyr Scliar. A análise da jornada do protagonista permitiu compreender como as dualidades e desafios enfrentados por Guedali encontram reflexo na figura do centauro, destacando a riqueza simbólica dessa metáfora ao longo da narrativa.

Palavras-chave: Mito do Centauro. Moacyr Scliar. Literatura Brasileira. Identidade. Dualidade.

ABSTRACT

This This study investigates the relationship of the mentioned myth in the identity construction of the character Guedali in the novel "O Centauro no Jardim" by Moacyr Scliar. Examining the main character's journey throughout his childhood, marked by internal conflicts and interpersonal relationships, we analyze how the centaur figure serves as a mirror of the dualities and challenges experienced by the protagonist. We draw on the theoretical contributions of Bulfinch (1999), an expert in mythology and symbolism. Additionally, Jung's reflections (2000) on the collective unconscious and archetypes provide a lens through which we can understand the presence and importance of the centaur myth in Moacyr Scliar's narrative. The analysis of the protagonist's journey also benefits from the ideas of Propp (2003), who explored the hero's journey and mythical archetypes. For reflections on identity, we turn to the contributions of Stuart Hall (2014). Throughout this research, the obtained results revealed a profound interconnection between the centaur myth and the identity construction of the character Guedali in the novel "O Centauro no Jardim" by Moacyr Scliar. The analysis of the protagonist's journey allowed us to understand how the dualities and challenges faced by Guedali are reflected in the figure of the centaur, emphasizing the symbolic richness of this metaphor throughout the narrative.

Keywords: Centaur Myth. Moacyr Scliar. Brazilian Literature. Identity. Duality.

¹ Graduando do curso de Letras -Português da Universidade Estadual da Paraíba, [paulo.roberto@aluno.uepb.edu.br].

1 INTRODUÇÃO

O interesse subjacente a esta proposta de estudo nasce de um fascínio pessoal pelos mitos e contos fantásticos, uma atração que sempre me envolveu nas intrincadas tramas que a literatura pode oferecer. O poder duradouro dessas narrativas arquetípicas em moldar a compreensão humana e refletir aspectos de nossa existência constitui um dos primeiros e talvez o mais importante aspecto que justifica a escolha desta temática e desta obra como objeto de estudo na investigação do simbolismo do centauro na construção identitária da personagem Guedali no romance *O Centauro no Jardim*.

Enquanto nos entregávamos à leitura das páginas habilmente tecidas por Scliar, uma conexão especial começou a emergir entre a trama fictícia e os mitos que tanto nos cativam. Era como se as dualidades inerentes à figura do centauro, uma criatura que amalgama a humanidade com a animalidade, encontrassem eco nos conflitos e nas complexidades da jornada de Guedali. O paralelo entre as narrativas antigas e a modernidade da obra de Scliar se tornou cada vez mais evidente à medida em que explorávamos a busca de Guedali por identidade, pertencimento e autenticidade. Os mitos, com sua capacidade de transcender o tempo e a cultura, têm sido uma fonte constante de inspiração para a literatura. No caso desse trabalho, essa inspiração foi fundamental para reconhecer e interpretar as conexões entre a história de Guedali e os mitos clássicos, especificamente os relacionados aos centauros. Ao ver reflexos desses mitos nos eventos da obra de Scliar, surgiu o interesse em aprofundar a análise dessas interações simbólicas.

Nesta investigação, pretendemos não apenas compartilhar nossa apreciação pelo uso literário de mitos, mas também enriquecer a compreensão do simbolismo e da identidade presentes na obra analisada. Ao explorar essa conexão entre o mundo mítico e o contemporâneo, esperamos contribuir para uma análise mais abrangente das camadas de significado que permeiam a narrativa do autor.

O presente trabalho encontra-se organizado em dois principais eixos temáticos que visam aprofundar a compreensão da presença do mito do centauro na construção identitária da personagem. Primeiramente, será realizada uma análise da figura do centauro como arquétipo mitológico, explorando suas conotações simbólicas e sua relevância na trama. Em seguida, serão examinados os conflitos e dilemas enfrentados por ele ao longo de sua jornada, estabelecendo paralelos entre as dualidades do centauro e as complexidades de sua busca por autenticidade e pertencimento. Cada um desses eixos contribuirá para uma análise abrangente e aprofundada da interação entre mito, identidade e simbolismo na obra em questão.

A proposta do artigo é realizar uma análise sobre a presença e o significado do simbolismo do centauro na construção identitária da personagem protagonista, investigando, para isso, como o mito do centauro, uma figura mitológica que combina características humanas e equinas, é explorado na narrativa para abordar temas relacionados à identidade, dualidade, autenticidade, pertencimento e aceitação da diferença.

A análise explora como o autor entrelaça o simbolismo do centauro na jornada do personagem Guedali, destacando as similaridades entre as dualidades enfrentadas pelo protagonista e as características do centauro. Além disso, a análise considerará as características da prosa contemporânea de Moacyr Scliar, como sua linguagem acessível, a integração de elementos fantásticos, a reflexão sobre temas universais e o desafio às normas sociais. O artigo também contextualizará a obra dentro do cenário literário brasileiro do século XX, destacando como o uso do mito do centauro reflete tendências e preocupações literárias mais amplas. Através dessa análise, pretendemos contribuir para uma compreensão mais profunda das complexidades da narrativa de Scliar, bem como oferecer uma visão sobre como mitos antigos continuam a ser relevantes e influentes na literatura contemporânea.

2 CARACTERÍSTICAS DA PROSA CONTEMPORÂNEA DE MOACYR SCLiar

A prosa contemporânea de Moacyr Scliar, renomado autor brasileiro, desvela uma série de traços distintivos que moldam sua abordagem literária. Esta seção do presente estudo se propõe a destacar e refletir como refazem presente no romance *O Centauro no Jardim*, especialmente em relação à construção identitária da personagem Guedali e ao simbolismo do centauro.

A escrita do autor é acessível e direta, um aspecto que se alinha com sua intenção de alcançar um amplo espectro de leitores. A abordagem linguística do autor é marcada pela escolha de palavras que fluem naturalmente, facilitando a imersão do leitor na narrativa. Nesse contexto, a história de Guedali no romance ganha vida através de uma prosa fluente, permitindo que suas complexidades sejam acessíveis a um público diversificado. A exemplo da passagem abaixo na qual verificamos a fluência no diálogo:

Algun tempo depois Débora foi a um baile do círculo e lá conheceu um viúvo, um advogado de Curitiba; se apaixonaram; e decidiram casar imediatamente. Temendo me chocar, ela hesitava em me dar a notícia; quando o fez, foi da forma mais desastrada, gaguejando e por fim rompendo num choro convulso (Scliar, 2004, p. 52).

Uma característica que distingue sua prosa é a habilidade de entrelaçar elementos fantásticos na realidade. A figura do centauro, uma criação mitológica que combina a forma humana com a do cavalo, é um exemplo claro dessa fusão entre o cotidiano e o extraordinário. No decorrer da narrativa, essa abordagem confere à história do personagem principal a uma dimensão mítica, em que o simbolismo do centauro atua como um espelho das dualidades e desafios enfrentados por ele

[...] assombrado e horrorizado. E isso que é médico calejado da profissão; já viu muita coisa, muito caso escabroso. Mas Centauro nunca tinha visto. Centauro ultrapassa as fronteiras da imaginação. Centauro não figura em manuais médicos. Qual de seus colegas já viu um centauro? Nenhum. (Scliar, 2004, p. 21).

Frequentemente explora temas universais, como identidade, dualidade e pertencimento. Na obra, esses temas são intrinsecamente ligados à jornada de Guedali e a sua busca por autenticidade, reflete a exploração contínua da identidade humana em um mundo em constante evolução. Através da lente do centauro e sua dualidade, Scliar expande a discussão sobre o que significa ser humano e os desafios de encontrar um lugar na sociedade. Não há temor em desafiar normas sociais e literárias em suas histórias, pois o uso do simbolismo exemplifica essa tendência, por exemplo. A representação do personagem, um indivíduo que desafia expectativas convencionais, ecoa a própria natureza disruptiva do centauro na mitologia clássica. Ao quebrar barreiras entre o humano e o animal, Scliar comenta de forma sutil sobre as barreiras sociais e culturais que limitam a autenticidade humana

Temos sorte de viver no Brasil – Dizia meu pai, depois da guerra. – Na Europa mataram milhões de judeus. Contava as experiências que os médicos nazistas faziam com os prisioneiros, Decepavam lhes as cabeças, faziam-nas encolher...Felizmente morriam, essas atrozes quimeras; expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como monstros (Scliar, 2004, p. 48).

E na passagem abaixo, quando empreende uma busca por liberdade e toma a decisão de deixar a casa de seus pais na calada da noite:

Respirei fundo, cerrei os dentes, empreendi um curto galope, armei o salto prodigioso. Na fração de segundo que antecedeu o pulo, eu ainda hesitei, me dando conta do que deixava para trás: a casa que me protegia das intempéries, a comida à hora certa, e sobretudo o carinho dos meus. Mas já então não era eu que decidia, as patas me conduziam, eu já estava no ar em pleno pulo, transpondo o muro, o terror coincidindo com a excitação e a alegria – estava livre! (Scliar, 2004, p. 59).

A literatura dele frequentemente incorpora influências da cultura e história judaicas. Embora não se limite a essa perspectiva, ele enriquece suas histórias com contextos culturais específicos. Em *O Centauro no Jardim*, essa abordagem se manifesta por meio da interseção entre a mitologia do centauro e a exploração de identidade judaica.

Scliar frequentemente emprega elementos de ironia e humor sutil para comentar sobre a sociedade e a condição humana. No contexto em que se localiza a estória, esses elementos podem ser vistos como ferramentas de crítica social, adicionando uma dimensão adicional à narrativa

Em 1948 foi proclamado o estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho – o melhor do armazém -, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio, acompanhando as notícias de guerra no Oriente Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo estado: em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isso sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos, Guedali (Scliar, 2004, p. 49).

No exceto percebemos que os costumes e tradições Judaicas são retomadas de forma valorativa. A citação do texto revela a ênfase dada pelo autor, Moacyr Scliar, à diversidade e globalidade da comunidade judaica, destacando a formação do Estado de Israel em 1948 como um evento significativo. No entanto, é importante contextualizar historicamente os preconceitos em torno do judaísmo, pois esses preconceitos têm uma longa história que permeou diversas culturas e épocas. Ao longo da história, os judeus frequentemente enfrentaram discriminação e preconceito, muitas vezes baseados em estereótipos culturais, religiosos e étnicos. Esses preconceitos foram exacerbados por eventos como a Inquisição, pogroms na Europa, e, mais drasticamente, o Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial. Esses eventos contribuíram para a formação de estigmas e estereótipos negativos associados aos judeus. Além disso, a diáspora judaica resultou na dispersão da comunidade judaica em diversas partes do mundo, o que levou à convivência e interação com diferentes culturas e tradições. Essa diversidade, embora rica, também tornou os judeus alvos de preconceitos em várias regiões. No contexto do trecho citado, a visão positiva do pai do narrador sobre a diversidade da comunidade judaica em Israel pode ser interpretada como uma resposta aos preconceitos históricos e uma afirmação da unidade e inclusividade da identidade judaica. Scliar, ao empregar o humor sutil, pode estar comentando sobre a ironia de como, mesmo diante de preconceitos, a comunidade judaica é diversificada e abraça suas origens de maneira positiva. Portanto, a formação identitária do narrador-personagem, em meio a esses contextos históricos e sociais, pode ser profundamente influenciada pelos desafios e estigmas associados ao judaísmo, destacando a importância de compreender a complexidade dessa formação identitária no romance.

3 A OBRA "O CENTAURO NO JARDIM" DE MOACYR SCLiar

O romance *O Centauro no Jardim*, escrito por Moacyr Scliar e publicado em 1980, é um marco na literatura brasileira contemporânea. A trama se desenrola na cidade de Porto Alegre e nos apresenta a história singular de Guedali, um jovem nascido com uma condição física excepcional: a fusão de um corpo humano com a figura lendária do centauro, um ser mitológico que possui torso humano e corpo de cavalo.

No Dicionário de Símbolos, Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 271-272) afirmam que os centauros são "seres monstruosos da mitologia grega, cuja cabeça, braços e tronco são de um homem, e o resto do corpo e as pernas de um cavalo. [...] Nas obras de arte, o rosto dos Centauros traz geralmente a marca da tristeza. Eles simbolizam a concupiscência carnal, com todas as suas brutais violências, e que torna o homem semelhante às bestas quando não é equilibrada pela força espiritual. São a espantosa imagem da dupla natureza do homem - uma, bestial, e a outra, divina. São a antítese do cavaleiro, que amansa e domina as forças elementares, ao passo que os Centauros, à exceção de Quiron e de seus irmãos, são dominados pelos instintos selvagens descontrolados. Também se fez do Centauro a imagem do inconsciente, de um inconsciente que se assenhora da pessoa, livra-a dos seus impulsos e abole a luta interior.

O título "O Centauro no Jardim" evoca, imediatamente, imagens intrigantes e contrastantes, capturando a essência das dualidades presentes na narrativa. Ao longo do romance, o jardim se torna um espaço simbólico onde as contradições e complexidades da identidade de Guedali são exploradas. Sua jornada de autodescoberta se desenrola entre as linhas que conectam o mito antigo ao cenário contemporâneo. O protagonista enfrenta o desafio constante de reconciliar sua natureza dual e encontrar seu lugar em uma sociedade que muitas vezes resiste a aceitar o que é diferente. Através das experiências e interações do narrador-personagem, Scliar destaca os conflitos internos que surgem quando as expectativas externas colidem com a busca pessoal por autenticidade.

A representação do jardim na literatura é profundamente simbólica, abrangendo uma diversidade de significados ao longo do tempo e em várias culturas. Esses significados incluem a associação com o paraíso e a pureza, representando a ideia do Jardim do Éden na tradição bíblica, onde o jardim simboliza a perfeição inicial antes da queda.

Em "O Centauro no Jardim" de Moacyr Scliar, a noção de jardim pode ser entendida como uma metáfora para a jornada do personagem Guedali. Assim como o ciclo de crescimento das plantas e o renascimento representam a continuidade da vida, a trajetória de Guedali é marcada por uma busca constante de renovação e autodescoberta. O jardim, nesse contexto, reflete não apenas um espaço físico, mas também um terreno simbólico onde Guedali explora as complexidades de sua própria existência. O jardim como refúgio e espaço de tranquilidade também se alinha com a experiência de Guedali. Diante dos tumultos do mundo exterior, o personagem encontra no jardim um lugar de contemplação e paz, um espaço onde ele pode refletir sobre suas dualidades e conflitos internos. A função do jardim como cenário para romance e encontros também ressoa na narrativa de Guedali. À medida que ele navega por suas relações e interações, o jardim pode representar não apenas um local físico, mas um ambiente simbólico onde ocorrem encontros significativos, revelações emocionais e declarações que moldam a narrativa de forma poética. No que diz respeito ao simbolismo de poder e prestígio, o jardim destaca a habilidade do proprietário em cultivar e manter um espaço esteticamente agradável. Para Guedali, esse aspecto pode refletir sua própria busca por uma identidade aceita e valorizada pela sociedade, apesar das complexidades e dualidades que ele carrega.

Portanto, ao analisar as passagens de Guedali em "O Centauro no Jardim," a presença do jardim pode ser interpretada como uma representação simbólica da jornada do

personagem, abrangendo temas de renovação, refúgio, romance e a busca por aceitação em uma sociedade que valoriza a estética e o poder.

A figura do centauro serve como uma metáfora rica para explorar temas universais, incluindo a busca do Guedali por sua identidade, a dualidade humana, a luta por pertencimento e a negociação entre a natureza humana e animal. A trajetória do narrador-personagem reflete a própria jornada do ser humano em encontrar harmonia dentro de si mesmo e com o mundo que o rodeia.

A prosa de Scliar, reconhecida por sua acessibilidade e profundidade, é habilmente empregada para contar essa história extraordinária. A linguagem fluente e envolvente de Scliar permite que os leitores se conectem com Guedali e compreendam suas complexas emoções e conflitos. Através de sua escrita, Scliar tece uma narrativa que é ao mesmo tempo uma jornada individual e uma exploração das questões mais amplas da condição humana.

O romance também se destaca por sua capacidade de transcender as barreiras culturais e geográficas, apesar de estar enraizado na realidade brasileira e na cultura judaica, aborda temas universais que ressoam com leitores de diferentes origens. O poder de Scliar em criar uma história com apelo universal está refletido na atemporalidade e na relevância do texto.

Ao abordar a identidade, a dualidade e o simbolismo mitológico através da história de Guedali, Moacyr Scliar oferece aos leitores uma reflexão profunda sobre o que significa ser humano. A obra nos convida a explorar as complexidades da autodescoberta, a aceitação de nossas próprias dualidades e a busca por autenticidade em um mundo muitas vezes marcado por conformidade.

Morfologia do Conto Maravilhoso, escrita por Vladimir Propp em 1928, é uma pedra angular na teoria literária. Nela, Propp identifica 31 funções narrativas básicas presentes em contos de fadas e narrativas folclóricas, tais funções representam uma valiosa ferramenta para a análise estrutural de narrativas, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das histórias e de seus elementos fundamentais. Por meio dessa metodologia, é possível discernir padrões recorrentes, destacar eventos-chave e compreender a evolução dos personagens ao longo da trama. Portanto, as funções narrativas de Propp desempenham um papel crucial na interpretação e compreensão das narrativas literárias e, diante disso, ao aplicar esta abordagem à trama em que o personagem Guedali está inserido, mesmo que a obra não pertença ao gênero fantástico, é possível identificar paralelos notáveis entre a jornada descrita por Propp e a do personagem principal, estando entre as funções analisadas estão: a Interdição, a violação da Interdição, o reconhecimento do transgressor, a interrogação e investigação, a instrução ou ajuda, a realização ou aquisição, e o retorno ou regresso.

A função de Interdição é observada quando o personagem é proibido de sair para o pátio durante o dia, e seu pai não permite que ele faça isso. A citação "Durante o dia eu tinha que ficar enclausurado nem para o pátio o pai permitira que eu saísse" (Scliar, 1998, p. 44), demonstrando claramente essa restrição imposta. Essa proibição estabelece uma limitação inicial para o personagem, o que é um elemento característico dessa função na estrutura narrativa proposta por Propp. Essa restrição inicial muitas vezes desempenha um papel importante na evolução da história, e pode motivar as ações do personagem ao longo da trama.

A função de Violação da Interdição é claramente evidenciada na citação a seguir

Estava Livre! continuei a galopar, perseguido por um cão que latia sem cessar. Pulei a cerca e caí num quintal. Outra cerca - um galinheiro, galinhas cacarejando assustadas e voando para todos os lados; outra cerca - uma mulher que lavava roupa deu um berro e fugiu, ainda outra cerca - uma estradinha de terra, e no fim dessa estradinha o mato, o desconhecido (Scliar, 2004, p. 59).

Inicialmente confinado, o personagem quebra a interdição ao sair de casa e cavalgar livremente. A descrição de sua jornada - pulando cercas, adentrando quintais e espantando galinhas - ilustra vividamente essa transgressão. Essa ação de escapar do confinamento inicial é o ponto crucial que desencadeia a progressão da narrativa. A Violação da Interdição muitas vezes é o catalisador para o desenvolvimento da trama, levando o personagem a uma série de eventos e desafios que moldarão sua jornada. O reconhecimento do transgressor sob a ótica da seguinte passagem:

Tem um revólver na mão, está a menos de cem metros da centaura, faz pontaria, os dois galopando loucamente, vão passar pelo rancho, agora, AGORA. Lanço me contra a frágil porta, derrubo-a, precipito-me para fora, corro para o homem, sofria o cavalo, arregala os olhos, solta um berro de terror, o cavalo empina - cai, o cavalo foge. Cautelosamente me aproximo. O homem está caído de borco imóvel. Ajoelho-me junto a ele, viro-o. Evitando mirar seus olhos muito abertos, ponho-lhe a mão no peito. O coração não bate. (Scliar, 2004, p. 70).

O momento descrito na passagem revela o Reconhecimento do Transgressor de maneira intensa. Guedali percebe que está em uma situação crucial, pois ele próprio se torna o transgressor ao confrontar o homem com um revólver na mão, pronto para atirar na centaura. Ao derrubar a porta e se aproximar do homem, ele se depara com a consequência do confronto: o homem está caído, imóvel e sem vida. O Reconhecimento do Transgressor ocorre quando o protagonista se depara com o resultado de suas ações. Ele reconhece que é o agente que causou essa situação e se depara com as consequências do confronto. Esse momento crucial na narrativa altera significativamente o curso dos eventos, e o Reconhecimento do Transgressor é um ponto de virada importante para o personagem.

A função de Interrogação e Investigação é sutilmente abordada nessa passagem

As mulheres voltam-se então para mim. Me rodeiam, me examinam, curiosas. Que coisa, diz uma, eu pensei que a Tita fosse um caso único. Sorte que ele é bonito, diz outra, fará um belo par com nossa filha. Todas concordam. O que podem fazer um centauro e uma centaura que se encontram, a não ser viver juntos? (Scliar, 2004, p. 77).

As mulheres ao redor de dele expressam sua curiosidade e interesse ao examiná-lo e fazer comentários sobre ele, demonstrando um interesse em compreender quem ele é e qual é a sua relação com Tita. Elas se perguntam sobre a singularidade de Tita e expressam suas opiniões sobre a aparência do rapaz, indicando uma curiosidade natural sobre o personagem. Ao se questionarem sobre o que um centauro e uma centaura podem fazer ao se encontrar, elas estão, de certa forma, investigando a situação e tentando compreender a dinâmica entre esses personagens. Embora a Interrogação e Investigação não seja o foco principal nessa passagem, ela está presente de forma sutil, evidenciando a curiosidade das personagens em relação a ele e à sua relação com Tita. Essa função serve para aprofundar a compreensão dos personagens e da situação em que se encontram.

A função de Instrução ou Ajuda é claramente destacada na passagem abaixo destacada

Pois fica sabendo que todas as despesas correm por minha conta. - Tentei interrompê-la, cortou-me com um gesto: - Estou velha, não preciso mais do dinheiro, nem das terras, de nada. Vocês são jovens, tem a vida toda pela frente. Vão, meus filhos, vão para o Marrocos, se operem, voltem normais. Me comoveu

aquele desprendimento. A senhora é uma verdadeira mãe para nós, eu disse. (Scliar, 2004, p. 82).

Na passagem Dona Cotinha, mãe de Tita demonstra uma generosidade notável ao oferecer ajuda financeira para cobrir todas as despesas necessárias para a jornada do casal ao Marrocos. Ela enfatiza que não precisa mais do dinheiro ou das terras e encoraja os jovens a aproveitarem a vida e buscar a cura. Ao oferecer esse suporte financeiro e aconselhar os jovens sobre o caminho a seguir, a senhora está desempenhando o papel de mentora, proporcionando uma orientação valiosa. Seu gesto é movido por um verdadeiro desprendimento e preocupação pelo bem-estar de deles. Ao expressar sua gratidão e reconhecer a senhora como uma verdadeira mãe, Guedali demonstra o quanto ele valoriza e aprecia a ajuda e o conselho oferecidos. Essa interação destaca a importância da função de Instrução ou Ajuda na narrativa, mostrando como a orientação de um personagem pode influenciar as escolhas e o curso dos eventos para os protagonistas.

A função de Realização ou Aquisição é alcançada quando os personagens empreendem a jornada para deixarem de ser centauros e recuperarem sua forma humana. É nesse momento que o doutor Marroquino entra em cena e, com sucesso, realiza a operação em ambos. A citação para análise:

Suspirei. Estava tudo bem, tudo muito bem. A única coisa que me incomodava era o som dos tambores, mas esse mesmo cada vez mais distante. Quanto ao ruflar de asas, nada. Cicatrizadas as feridas da cirurgia, fomos entregues a uma equipe de fisioterapeutas, encarregados de nos ensinar a caminhar como pessoas normais. (Scliar, 2004, p. 92).

Nessa passagem, observamos a Realização ou Aquisição alcançada após a cirurgia bem-sucedida. Guedali expressa alívio e contentamento ao afirmar que "estava tudo bem". A preocupação com o som dos tambores, que antes era uma parte integral de sua vida como centauro, agora se torna um incômodo distante, indicando a transformação que ele passou. A menção ao "ruflar de asas" que não é mais sentido sugere que a característica equina também foi abandonada. A cirurgia foi bem-sucedida e os personagens foram entregues aos cuidados de uma equipe de fisioterapeutas, indicando a transição para aprender a viver como pessoas normais. Essa passagem representa a culminação da jornada dos personagens em busca de se tornarem humanos novamente, e a realização bem-sucedida desse objetivo é um marco significativo na narrativa.

O momento de Retorno e Regresso ocorre após o sucesso da operação, quando Guedali toma a decisão de retornar a Porto Alegre, a cidade onde seus pais moravam e da qual ele havia fugido para iniciar sua jornada. Este retorno marca um importante fechamento do ciclo narrativo, levando Guedali de volta às suas raízes e simbolizando sua transformação ao longo da história. Pode ser observada na seguinte passagem:

E assim, na véspera do Natal de 1959, tomamos o avião de volta para o Brasil. No aeroporto, chamávamos atenção, mas sobretudo pela altura e elegância. Eu de calças de veludo e camisa estampada. Tita, com uma blusa de seda e jeans, o que daí por diante seria sua roupa característica. E as botas, naturalmente, que teríamos de usar muito tempo, talvez para sempre. (Scliar, 2004, p. 93).

A citação ilustra vividamente o momento de Retorno e Regresso na narrativa. Guedali e Tita, após o sucesso da operação e sua transformação, decidem voltar para o Brasil na

véspera do Natal de 1959. Ao descrever a cena no aeroporto, é evidente que a presença deles chama a atenção, principalmente devido à sua altura e elegância. As roupas que Guedali e Tita usam também refletem sua nova identidade. Guedali veste calças de veludo e camisa estampada, enquanto Tita opta por uma blusa de seda e jeans, que se tornariam seus trajes característicos dali em diante. Além disso, as botas que mencionam que teriam que usar por um longo período, talvez para sempre, simbolizam a permanência das mudanças que ocorreram em suas vidas. Esse momento de retorno para o Brasil marca não apenas uma volta física ao país, mas também um retorno simbólico às suas raízes e uma nova fase em suas vidas, consolidando a função de Retorno e Regresso na narrativa.

4 REJEIÇÃO E IDENTIDADE EM *O CENTAURO NO JARDIM A PARTIR DO PARALELO ENTRE QUÍRON E GUEDALI.*

A infância da personagem protagonista, Guedali é permeada por uma dualidade fundamental que se origina em sua concepção e nascimento. Sua mãe, figura religiosa, traz ao mundo uma criança concebida após uma visita marcante ao zoológico, onde a imagem enigmática do centauro é fixada em sua mente. Segundo Jung, em "Arquétipos e o Inconsciente Coletivo", os arquétipos são os elementos primordiais que moldam a psique humana, fornecendo os padrões universais que influenciam a forma como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. O mito arquetípico grego do centauro, representando a fusão entre homem e cavalo, emerge desde o princípio, lançando os alicerces para a maneira pela qual ele construirá sua percepção de identidade. O centauro, com suas metades distintas e interconectadas, espelha de forma notável a condição dele: parte humano, parte algo mais profundo e misterioso: "O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta" (Jung, 2000, p.19)

Dentro desse contexto, o jardim assume um papel central na vida dele, transformando-se em um microcosmo onde as dualidades são exploradas em um ambiente delimitado. A conexão intrínseca com os cavalos serve como uma ponte simbólica entre ele e a parte equina do centauro mitológico. Jung argumenta que os arquétipos são manifestações universais do inconsciente coletivo, desempenhando um papel vital na formação da psique humana:

A mentalidade primitiva não inventa mitos, mas os vivência. Os mitos são revelações originárias da alma pré-consciente, pronunciamentos involuntários acerca do acontecimento anímico inconsciente e nada menos do que alegorias de processos físicos. Tais alegorias seriam um jogo ocioso de um intelecto não científico. Os mitos, pelo contrário, têm um significado vital. Eles não só representam, mas também são a vida anímica da tribo primitiva, a qual degenera e desaparece imediatamente depois de perder sua herança mítica, tal como um homem que perdesse sua alma (Jung, 2000, p. 17).

Nesse estágio inicial, a dualidade não se configura como um conflito concreto, mas sim como uma curiosidade que semeia as bases para os desafios mais profundos que ele enfrentará ao longo de sua trajetória de vida. Com o desenrolar da trama, percebemos que a personagem passa por processos de deslocamentos identitários, tanto na esfera espacial, corporal, linguística e psicológica. Ela passa da situação de total dependência, de silêncio, de medo para a condição de pessoa ativa, capaz de tomar decisões e executar ações inovadoras. Vemos que o deslocamento gera na personagem tanto mudança interiores como exteriores Hall (2014, p. 11), problematiza tais elementos, uma vez que

a noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura – dos mundos que ele habitava.

A Fenomenologia Especial do Arquétipo da Criança Abandonada, conforme exposto por Jung desvela a complexidade emocional e psicológica presente na experiência da criança que se sente desamparada e isolada. Esta fenomenologia é especialmente pertinente na jornada de nosso personagem, pois ele se confronta com a dualidade de sua própria identidade, tal qual uma criança abandonada por conceitos predefinidos de pertencimento e aceitação. Conforme podemos ver na passagem descrita por Jung

A criança enjeitada, seu abandono e o risco a que está sujeita são aspectos que configuram o início insignificante, por um lado, e o nascimento misterioso e miraculoso da criança por outro. Essa afirmação descreve uma certa vivência psíquica de natureza criativa, cujo objetivo é a emergência de um conteúdo novo, ainda desconhecido. Na psicologia do indivíduo trata-se sempre, em tal circunstância, de uma situação de conflito doloroso aparentemente sem saída - para a consciência, pois para esta sempre vale o *tertium non datur*. Desta colisão dos opostos a psique inconsciente sempre cria uma terceira instância de natureza irracional, inesperada e incompreensível para a consciência (Jung, 2000, p. 168).

No entanto, à medida que a narrativa avança, a dualidade começa a ganhar uma dimensão mais complexa e conflituosa. Assim como no mito grego, em que o centauro Quíron é rejeitado por sua dualidade de natureza, ele também encontra resistência em sua própria jornada. Sua mãe, ao descobrir a condição dele, reage com repulsa, ecoando o rechaço acentuado no momento em que enfrentou os deuses olímpicos, uma vez que ele era uma figura que desafiava as fronteiras convencionais entre humanidade e bestialidade. Essa rejeição inicial de sua mãe, embora não com a mesma intensidade do mito, incita um questionamento interno nele sobre sua própria legitimidade e pertencimento, semelhante às dúvidas existenciais do centauro. Enquanto Quíron era uma figura que não se encaixava completamente nem com os humanos nem com os centauros, ele enfrenta a necessidade de encontrar seu lugar em um mundo que frequentemente exige definições rígidas de identidade.

Assim como o centauro se retirou para uma caverna, buscando refúgio na natureza, Guedali também encontra na natureza e no jardim um espaço onde suas dualidades podem coexistir em harmonia. A isolada existência de Quíron simboliza sua busca por aceitação e autoconhecimento, uma busca que ressoa profundamente na trajetória dele. Esse retiro pode ser interpretado como uma busca por aceitação e autoconhecimento fora das estruturas sociais que impõem normas rígidas. Foucault argumenta que as instituições disciplinares muitas vezes impõem essas normas, e a busca por autonomia e reconciliação é uma forma de resistência. Nesse sentido, tanto a figura mitológica quanto o personagem literário exploram a busca contínua por reconciliação interna em meio a um mundo que muitas vezes se recusa a aceitar a complexidade humana.

4.1 As Mudanças da identidade de Guedali à luz do arquétipo mitológico do Centauro

A figura do centauro na obra assume uma significância profunda, representando um arquétipo mitológico que permeia toda a narrativa. A evolução e complexidade do protagonista estão intimamente entrelaçadas a essa representação simbólica. Inicialmente, surge uma resistência em associar-se aos centauros clássicos, conhecidos por sua natureza

violenta e indomável. Essa rejeição reflete a hesitação em aceitar aspectos da própria natureza que podem ser percebidos como primitivos ou descontrolados. É notável que, no início da história, não se faça menção a Quíron, o centauro sábio e civilizado, que poderia representar uma faceta mais equilibrada e humanizada do arquétipo centauro. Isso sugere uma certa falta de autoconhecimento, uma incapacidade inicial de perceber a possibilidade de se identificar com um centauro que transcende as características violentas e instintivas: “Eu olhava desconsolado o desenho da figura do centauro no meu livro. O artista ali representava uma criatura bruta, barbuda, cabeluda, de olhar feroz. Não era eu” (Scliar, 1998, p. 46). Ao longo da trama, testemunhamos a transformação do protagonista, à medida que ele desenvolve uma intimidade crescente com sua própria natureza instintiva e selvagem, evocando a figura de Ixion, uma personagem mitológica à qual inicialmente ele não se via associado. No entanto, ao longo de sua jornada, percebe que sua essência é muito mais complexa e profunda do que imaginava inicialmente, revelando uma desconexão entre sua autopercepção e o verdadeiro eu interior que emerge ao longo da narrativa. Segundo Dantas, a origem dos centauros aconteceu devido a uma contenda entre os deuses do Olimpo Ixion, Hera e Zeus:

Ixion tentou seduzir a esposa de seu benfeitor, e ao tomar conhecimento disso, Zeus o testou criando uma imagem de nuvem de Hera. Quando Ixion demonstrou suas intenções ao ter relações com a imagem, ele foi amarrado a uma roda e girado pelo ar como forma de punição (Hard, 2003, p. 107)

E na passagem a seguir:

Como foi descrito em relação ao castigo de Íxion no Submundo, ele tentou seduzir Hera quando convidado a viver entre os deuses, e Zeus armou uma armadilha para ele ao criar uma imagem de nuvem de Hera. Íxion, de fato, prosseguiu para se unir com a nuvem-Hera, fazendo-a conceber uma criança, Centauros, que mais tarde deu origem à rústica raça de Centauros ao se acasalar com éguas selvagens no Monte Pelion. Os Centauros eram não apenas tão brutais e ímpios quanto o avô Íxion, mas também meio-animais, sendo parte homem e parte cavalo (Hard, 2003, p. 312).

Ao longo da trama, torna-se evidente que a característica impulsiva associada a Ixion se manifesta de maneira mais frequente e intensa. Isso se revela nos encontros com a Domadora, Lollah e Fernanda. Como podemos verificar na passagem com a domadora:

Atiro-me sobre ela e já não vejo mais nada. Confusamente percebo que grita por socorro – me acudam, ele está me atacando, é um monstro – subjugo-a, tampo-lhe a boca, tento penetrar, não consigo, ejaculo em suas coxas, tomo para o lado, exausto. Ela pula da cama e foge, gritando sempre: é um cavalo! (Scliar, 2004, p. 67).

A seguir, torna-se evidente a falta de pudor e respeito, não apenas no desejo, mas também na consumação das relações com a esposa de seu amigo Paulo, Fernanda:

Começou a me dar um tesão enorme, um tesão igual à que sentia pela domadora, senti que estava perdendo a cabeça, era loucura...mas não podia me controlar, puxei-a para mim, beijei-a – ela quase me mordendo, tão sôfrega era. Levei para trás da fonte, nos deitamos, levantei-lhe o vestido...lembrei da domadora, me deu medo: e se ela começasse a gritar? Mas não, não gritava: gemia de prazer (Scliar, 2004, p. 128, 129).

E na relação com Lollah, uma criatura que mesclava a essência de uma leoa e de uma mulher, ele se deixa levar, cedendo aos instintos e consumando a união: “Cobri-a como os leões cobrem com as leoas, ela me mordía os braços como as leoas mordem os leões. E gemia, e gritava; tanto que tive que lhe tapar a boca, não fosse o médico ouvir. A copula foi rápida; o orgasmo, tremendo.” (Scliar, 2004, p. 174,175).

Os encontros dele com a domadora, Fernanda e Lollah compartilham semelhanças com a narrativa de Íxion, especialmente no que diz respeito a comportamentos impulsivos e descontrolados em relação às mulheres. Assim como Íxion, ele demonstra uma falta de controle e consciência sobre os limites do consentimento em tais situações. Os encontros têm uma influência profunda na transformação e evolução da identidade dele. Ao se permitir envolver com essas mulheres e ceder aos seus impulsos, a personagem está, de certa forma, se entregando à parte mais instintiva e primal de sua natureza. Essas experiências o confrontam com a dualidade identitária, levando-o a questionar e explorar diferentes facetas de sua própria subjetividade. Esses momentos de confronto com a própria natureza instintiva e selvagem, espelhando a mitologia de Íxion, desencadeiam uma jornada de autodescoberta e aceitação. Através dessas experiências, ele amplia sua compreensão sobre quem ele é verdadeiramente, incluindo aspectos que inicialmente poderiam ser percebidos como primitivos ou descontrolados. Isso marca um importante estágio em sua mudança identitária, momento em que ele começa a aceitar e integrar plenamente essas diferentes facetas de sua identidade, o que revela a instabilidade psicológica e identitária da personagem.

A morte do centauro, mais tarde na trama, pode ser interpretada como uma representação simbólica de uma transformação. Ao confrontar e, de certa forma, superar a presença do centauro, ele alcança um novo estágio na jornada de autodescoberta e aceitação.

O pessoal se assustou, começou a atirar, quando cheguei no chafariz ele já estava morrendo, só dei o tiro de misericórdia, na cabeça, para ele não sofrer. Lá em cima, o choro convulso de Tita. Está tudo bem, digo a Pedro Bento, e fecho a porta. É estranho: dos três dias que se seguiram pouco me lembro. É certo que na manhã seguinte a morte do centauro fui ao centro da cidade (Scliar, 2004, p. 156, 157).

Conforme Jung destaca, a personalidade, no início, raramente é aquilo que será mais tarde. Portanto, existe pelo menos na primeira metade da vida a possibilidade de ampliação ou modificação dela. Assim, há constantes transformações na sua personalidade, moldando-o através de suas experiências, sejam elas boas ou frustrantes. Em resumo, a figura do centauro na obra de Scliar serve como um poderoso símbolo para explorar as complexidades da natureza humana, a capacidade de transformação e a busca pela identidade ao longo da narrativa. É através dessa rica simbologia que somos conduzidos a uma reflexão profunda sobre os desafios e as possibilidades da jornada de autodescoberta e aceitação da verdadeira essência.

4.2 As aproximações entre Guedali e o mito de Quíron

O nascimento de Quíron, como descrito na mitologia grega, revela um paralelo notável com a narrativa da rejeição que Guedali enfrenta na obra literária em análise. Ambos os personagens nasceram em circunstâncias incomuns, marcados por dualidades que resultaram em rejeição por parte de suas mães. Esse paralelo profundamente simbólico ressoa nas questões de identidade e aceitação abordadas na obra de Moacyr Scliar.

Quando ele nasceu, sua mãe, Filira, ao se deparar com a aparência de centauro do filho, foi tomada pelo terror e o rejeitou. Essa rejeição inicial foi resultado da aversão ao aspecto híbrido e não convencional, uma fusão de cavalo e humano. No entanto, apesar dessa

rejeição, ele não foi abandonado por completo, o personagem mitológico encontrou acolhimento e educação nas mãos dos deuses Apolo e Artêmis, que reconheceram suas habilidades únicas e o ajudaram a desenvolver uma variedade de talentos, incluindo medicina, música e caça.

O paralelo com Guedali em *O Centauro no Jardim* é notável, pois que similarmente, enfrenta a rejeição por parte de sua mãe, que, após sua peculiar concepção em um contexto marcado pela figura do centauro, reage com repulsa. Assim como Filira não conseguiu superar o aspecto híbrido de Quíron, a mãe dele também luta para aceitar a dualidade que ele representa. Esse padrão de rejeição inicial cria um ponto de partida comum para ambos os personagens, estabelecendo uma base para a exploração das complexidades da identidade e autenticidade:

E cuidará de mim, do centauro. Me dará mamadeira, porque minha mãe só fará chorar; não quererá nem me ver, quanto mais amamentar. A parteira me dará banho, me manterá limpo – difícil tarefa: minhas fezes de herbívoro são abundantes e exalam um odor fétido. Não poucas vezes me contara anos mais tarde, pensou em me sufocar (Scliar, 2004, p. 16).

O trecho citado destaca de maneira contundente a rejeição inicial enfrentada por Guedali por parte de sua mãe, ecoando o padrão de Filira em relação a Quíron na mitologia grega. Assim como Filira não conseguiu superar a dualidade de dele, a mãe de Guedali se vê confrontada com a complexidade de sua concepção e reage com repulsa. Essa passagem ilustra vividamente a angústia e o desamparo diante da falta de aceitação materna, estabelecendo um paralelo poderoso com a narrativa mitológica. A referência às fezes de herbívoro e ao odor fétido ressalta a peculiaridade, intensificando o sentimento de estranhamento e alienação que permeia sua infância. Essa rejeição inicial, presente tanto no mito quanto na narrativa de Scliar, serve como um ponto de partida crucial para a exploração das complexidades da identidade e da busca por autenticidade que serão fundamentais no desenvolvimento dele ao longo da trama.

A conexão entre as habilidades de Guedali em *O Centauro no Jardim* e as de Quíron na mitologia grega é notável. Enquanto Quíron se destacou como curandeiro e mentor, conhecido por sua sabedoria, música e diversas habilidades, ele também exibe aptidões notáveis, principalmente sua forte conexão com os cavalos e sua busca por autenticidade em um mundo que muitas vezes o rejeita. Ambos transcendem estereótipos e expectativas sociais, revelando uma profundidade de caráter que vai além de sua singularidade física. A habilidade musical de Guedali é particularmente destacada na passagem

Vagueio pelo campo tocando violino. A melodia se mistura ao sussurro do vento, ao canto dos pássaros, ao chiar das cigarras; é uma coisa tão bonita, que meus olhos se enchem de lágrimas; esqueço que tenho patas e cauda, sou um violinista, um artista. (Scliar, 2004, p. 32).

Nesse trecho, a música se revela como uma forma de transcendência para o narrador-personagem, permitindo-lhe se conectar com a natureza e com sua própria essência artística, independentemente de sua condição física única. Essa habilidade musical de Guedali encontra paralelos na educação divina que Quíron recebeu na mitologia. Como mencionado por Bulfinch: "Nem todos os centauros, porém, eram semelhantes aos grosseiros convidados de Píritos. Quíron recebeu lições de Apolo e Diana, tornando-se famoso por sua habilidade na caça, medicina, música e arte da profecia" (Bulfinch, p. 138).

A música é, portanto, uma habilidade compartilhada por ambos os personagens, demonstrando como suas aptidões transcendem as limitações físicas e desafiam as expectativas impostas pela sociedade.

Em suma, o paralelo entre o nascimento dos personagens na rejeição inicial e na presença de habilidades notáveis cria um tecido narrativo rico em *O Centauro no Jardim*. Conforme Guedali amadurece, as dualidades internas que definem sua identidade se tornam mais complexas e desafiadoras. O ambiente escolar emerge como um palco onde sua singularidade é destacada de maneira constante. A figura do centauro, um mito que transcende o tempo, continua a influenciar a narrativa, servindo como uma metáfora poderosa para as dualidades sociais e culturais que Guedali enfrenta em sua jornada. Na história contada a educação do personagem foi realizada em casa - lugar onde não poderia sair durante o dia, ficando enclausurado. Nesses tempos dedicava-se a ler

Durante do dia, eu tinha de ficar enclausurado – nem para o pátio o pai permitia que eu saísse – e sem nada para fazer. Dediquei-me a ler. O quarto foi se enchendo de livros. Li de tudo; desde histórias de Monteiro Lobato ao Talmud (Scliar, 2004, p. 44)

O enclausuramento compartilhado por Guedali e Quíron é uma conexão intrigante. Assim como Quíron, que se isolou em uma caverna devido à sua natureza única e à dificuldade de ser aceito entre humanos e centauros, Guedali também enfrenta um certo grau de isolamento devido à sua singularidade. O fato de ser mantido em casa durante o dia, sem permissão para sair mesmo para o pátio, cria um ambiente de confinamento que ecoa a condição de Quíron em sua caverna. Ambos os personagens buscam um espaço onde possam se sentir aceitos e compreendidos, longe das restrições e preconceitos do mundo exterior.

Essa semelhança no enclausuramento oferece uma perspectiva interessante sobre a jornada de Guedali e como ele lida com as complexidades de sua identidade. Assim como Quíron encontrou na caverna um refúgio para sua busca por aceitação e autoconhecimento, Guedali encontra na leitura e no conhecimento uma forma de transcender as limitações de seu ambiente físico. Ambos os personagens buscam um espaço onde podem ser verdadeiramente eles mesmos, longe das expectativas e julgamentos externos.

Essa conexão entre Guedali e Quíron através do enclausuramento adiciona uma camada de profundidade à narrativa, destacando a universalidade das experiências de busca por identidade e aceitação. Ao mesmo tempo, também ressalta a singularidade e complexidade de cada personagem, mostrando como suas jornadas individuais se entrelaçam com elementos mitológicos atemporais.

A dualidade intrínseca do centauro reflete as lutas e inseguranças de Guedali. A sociedade tenta enquadrá-lo em categorias predefinidas, muitas vezes ignorando a riqueza de sua complexidade. Assim como o centauro é uma fusão entre humanidade e animalidade, Guedali enfrenta o desafio de equilibrar suas partes diversas em um mundo que frequentemente exige conformidade. Esse conflito interno espelha a batalha universal da humanidade entre impulsos racionais e instintivos, refletindo-se nas escolhas e desafios de Guedali. A dualidade do centauro não é apenas uma questão pessoal para Guedali, mas também reflete tensões sociais e culturais mais amplas. Os mitos gregos frequentemente retratam os centauros como criaturas violentas e incontroláveis, criando um paralelo intrigante com as complexidades dele. A rejeição histórica dos centauros na mitologia grega encontra um eco nas lutas do personagem em um mundo que muitas vezes rejeita o que é considerado diferente.

Ao abordar essas dualidades, a obra convida os leitores a refletir sobre as camadas profundas da identidade humana. O conflito interno do protagonista e sua busca por

autenticidade ecoam as questões universais de aceitação, pertencimento e autoconhecimento. A dualidade do centauro, como um símbolo atemporal, amplifica essas questões, mostrando que a luta para encontrar harmonia dentro de nós mesmos é uma jornada contínua que atravessa eras e culturas.

Um momento de profundo significado na narrativa ocorre quando Guedali é capturado e posteriormente exibido publicamente. Esse acontecimento, que corre em paralelo às capturas de centauros míticos, desencadeia um ponto crucial de virada em sua jornada de autodescoberta. A exposição pública de sua dualidade intrínseca o obriga a encarar sua identidade de frente, levando a uma reflexão interna intensa. Esse momento é profundamente simbólico, ecoando o mito do centauro capturado e ressaltando a exploração da diferença e a busca pela autenticidade.

No desfecho da narrativa, Guedali toma uma decisão que carrega um peso significativo. Ele opta por um isolamento que o faz assemelhar-se ao centauro retratado no mito, aquele que se retira para encontrar paz na natureza. Essa escolha simboliza a aceitação plena de sua dualidade e a determinação de buscar uma autenticidade que supere as expectativas sociais. O mito do centauro, entrelaçado ao longo da trama, age como um catalisador para essa transformação interna, oferecendo a Guedali visões cruciais para atingir um estado de harmonia e reconciliação com suas diferentes facetas.

Esse momento de confronto emocional e a subsequente escolha de se isolar constituem um clímax narrativo que ressoa com as complexidades da dualidade humana. Através da lente do mito do centauro, *O Centauro no Jardim* sugere que o verdadeiro caminho para a autenticidade e aceitação requer o reconhecimento e a integração das múltiplas partes que compõem a identidade de um indivíduo. O percurso de Guedali ao longo da trama, impulsionado por sua relação com o mito do centauro, ilustra que a busca pela autenticidade é um processo contínuo e interno, uma jornada de autoconhecimento que transcende as limitações das normas sociais.

Portanto, a síntese da dualidade em Guedali, evidenciada por sua escolha de se retirar para a natureza, encapsula a mensagem fundamental da obra: abraçar todas as partes de si mesmo, mesmo que isso envolva afastamento das convenções sociais, é o caminho para uma autenticidade profunda e significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer as páginas de *O Centauro no Jardim*, torna-se evidente que a figura do centauro transcende o mero papel de personagem mitológico. Moacir Scliar habilmente entrelaça a dualidade do centauro com a jornada de Guedali, transformando esse arquétipo em uma metáfora rica e profunda para a condição humana. A dualidade do centauro, representando a fusão entre homem e animal, emerge como uma reflexão complexa sobre as lutas interiores que permeiam a experiência humana. Em Guedali, testemunhamos não apenas a rejeição inicial da sociedade a essa dualidade, mas também sua jornada corajosa em direção à aceitação e compreensão de si mesmo. Assim, o centauro não é apenas uma figura mítica, mas um guia simbólico na busca pela autenticidade. Essa dualidade, tão marcante na mitologia grega, adquire novas dimensões quando aplicada à contemporaneidade. A escolha de Scliar de incorporar o centauro não é apenas uma decisão estilística, mas um comentário sutil sobre as tensões sociais e culturais relacionadas à diferença. A rejeição histórica dos centauros na mitologia encontra paralelos nas experiências de Guedali em um mundo que muitas vezes resiste ao que é considerado fora das normas. A natureza, refúgio tanto para Quíron quanto para Guedali, transcende seu papel como pano de fundo. Ela se torna um espelho simbólico, um local de autoconhecimento e aceitação. Esse aspecto da narrativa destaca a busca por um espaço autêntico onde a identidade possa ser refletida longe das

expectativas sociais. A atemporalidade do arquétipo do centauro se revela na persistência desse símbolo ao longo dos séculos. Desde as narrativas mitológicas até as obras contemporâneas como "O Centauro no Jardim," a complexidade e as implicações simbólicas dessa figura demonstram que as questões de identidade e aceitação são intrinsecamente humanas, independentemente da época ou cultura.

A jornada de Guedali é uma exploração profunda não apenas de suas próprias dualidades, mas também dos conflitos universais enfrentados por aqueles que buscam autenticidade e pertencimento. A narrativa não se limita a um exame pessoal; ela se torna um espelho amplificado das lutas inerentes à condição humana. Os desafios na aceitação própria são evidentes na trajetória de Guedali. A dualidade, que pode ser encarada como uma fusão de humanidade e animalidade, é, na realidade, uma representação das partes diversas que todos nós carregamos. A resistência social a essa diversidade, destacada nas interações de Guedali com a Domadora, Fernanda e Lollah, ressoa como um microcosmo das complexidades nas relações humanas. Os dilemas éticos e morais enfrentados por Guedali transcendem as páginas do romance. Suas escolhas não apenas refletem seus conflitos internos, mas também questionam a natureza da moralidade e do consentimento. A dualidade do centauro, nesse contexto, não é apenas uma característica mitológica, mas um catalisador para a exploração de questões éticas universais e o confronto com os limites da autenticidade. A solidão de Guedali, escolhida como resposta à diferença, destaca a alienação como uma consequência inerente. Essa solidão não é apenas a experiência singular de Guedali, mas uma metáfora da alienação enfrentada por todos que ousam ser diferentes. A busca contínua por pertencimento, seja nas expectativas sociais ou nas relações pessoais, revela a luta incessante pela aceitação. Ao examinar os conflitos e dilemas de Guedali, a obra não apenas narra uma história individual, mas lança luz sobre a condição humana em sua totalidade. A dualidade do centauro emerge como uma lente através da qual Scliar explora os desafios inerentes à existência, convidando os leitores a refletirem sobre suas próprias lutas internas e a busca incessante por um entendimento mais profundo de si mesmos.

Ao longo desta análise da obra de Moacyr Scliar, mergulhamos nas intrincadas camadas da narrativa, explorando a figura do centauro como um arquétipo mitológico e examinando os conflitos e dilemas enfrentados por Guedali ao longo de sua jornada. O romance revelou-se um terreno fértil para a reflexão sobre a condição humana, transcendendo a sua narrativa singular para ecoar como um espelho das complexidades universais. A dualidade do centauro, meticulosamente entrelaçada à experiência de Guedali, não é apenas uma construção literária, mas uma metáfora vívida das lutas interiores que todos enfrentamos. A aceitação de nossa própria diversidade, a busca pela autenticidade e o desafio de encontrar pertencimento em um mundo que muitas vezes resistente à diferença são temas que ressoam de maneira poderosa. ^a seção primeira, centrada na figura do centauro como arquétipo mitológico, permitiu-nos explorar a atemporalidade e a universalidade desse símbolo. Desde as narrativas antigas até as obras contemporâneas, a dualidade do centauro transcende barreiras temporais, destacando a perenidade das questões de identidade e aceitação. A obra de Scliar, ao escolher essa figura mitológica, não apenas a incorpora magistralmente em sua trama, mas também deixa um convite para futuros exploradores literários mergulharem nesse rico reservatório simbólico. A segunda seção, por sua vez, nos conduziu pelos conflitos e dilemas enfrentados por Guedali, destacando como suas experiências não são meramente idiossincráticas, mas ecoam dilemas éticos, sociais e morais universais. A jornada solitária de Guedali em busca de pertencimento ressoa como um chamado para uma compreensão mais profunda das complexidades humanas e para a necessidade contínua de narrativas que desafiem e enriqueçam nossa compreensão da condição humana. Ao considerar esses dois caminhos em conjunto, torna-se evidente que *O Centauro no Jardim* não é apenas uma narrativa singular, mas um convite à reflexão sobre a dualidade inerente à existência humana. A obra não apenas entrelaça mitos antigos com a

contemporaneidade, mas também oferece uma narrativa atemporal que ressoa com leitores de diferentes contextos culturais e temporais.

Portanto, ao concluir este trabalho, somos instigados a contemplar não apenas as páginas deste romance, mas a aplicar as lições extraídas na compreensão mais ampla de nossa própria jornada pela autenticidade, pertencimento e compreensão. A dualidade do centauro, longe de ser uma mera construção literária, permanece como um convite para explorarmos as complexidades de nossa própria identidade, transcendendo as fronteiras do tempo e do espaço. Tomamos a obra como um ponto de partida para novas jornadas de descoberta, reflexão e compreensão do que significa ser verdadeiramente humano.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, J. **Mitologia grega (vol. 2)**. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BULFINCH, T. (s.d.). **Bulfinch's Mythology: The Age of Fable, or Stories of Gods and Heroes**. New York: Random House Publishing Group, 1999.
- FOUCAULT, Michel. (1987). **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p
- HALL, Stuart. (2014). **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003
- HARD, Robin. Minos, Theseus and the myths of Crete. In: HARD, Robin. **The Routledge Handbook of Greek Mythology**. [S. l.]: Routledge, 2019. p. 287-307. ISBN 9781315624136. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315624136-13>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- JUNG, Carl. G. (2000). Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. In: **Obras Completas de C. G. Jung, vol. IX/1**. Petrópolis: Vozes, 2011e.
- OVÍDIO. **As metamorfoses**. Trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SCLIAR, Moacyr. **O Centauro no Jardim**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

AGRADECIMENTOS

Com o transcorrer do tempo, as palavras de meu pai sobre a importância de dedicar-me aos estudos para construir um futuro melhor ecoavam em minha mente, e assim o fiz, embora um pouco mais tarde do que o usual. A influência da minha relação com a família e a fé em Deus sempre me proporcionou apoio para alcançar o que ousava sonhar. Início, portanto, expressando minha gratidão a Deus por conceder-me saúde, sustento e uma notável fortaleza física e mental. Reconheço que, sem Sua presença, teria desistido em diversos momentos dessa jornada.

Além disso, agradeço às pessoas certas que Ele colocou em cada fase da minha vida. Sem essas influências, minha trajetória até aqui não seria completa. Em seguida, quero expressar minha profunda gratidão aos meus pais, esposa e família. Tenho certeza de que, em muitos momentos, foram eles que me motivaram a seguir em frente, incentivando-me a buscar melhorar a cada dia. Ao meu pai, em especial, agradeço por ter me introduzido ao fascinante mundo das mitologias quando ainda era criança, o que explica em grande parte meu encantamento pelos estudos literários nesse campo e no imaginário. A paciência em explicar as peculiaridades desse universo e o constante estímulo à leitura foram fundamentais.

Meus agradecimentos se estendem também aos amigos que compartilharam experiências, incentivaram meu crescimento e cultivaram amizades que levo para toda a vida. Agradeço, em particular, à minha orientadora Ana Lúcia, não apenas por aceitar minhas propostas, mesmo sendo um pouco distantes da área, mas também por incentivar-me em todos os momentos dentro e fora da sala de aula, fornecendo atenção e suporte constantes. Expresso minha gratidão ao professor Anacã Agra por apresentar a obra de Moacir Scliar, que acabou se tornando o tema do meu trabalho de conclusão, e por todo o conhecimento oferecido. Não posso deixar de mencionar a professora Alfredina, que sempre me apoiou e incentivou a superar-me a cada dia.

Por fim, agradeço a todos os professores que cruzaram meu caminho durante o curso. Cada um de vocês contribuiu para minha formação, e levarei um pouco de cada um para onde quer que eu vá.